

Colóquios materno-infantis: especulações à luz das operações e dos processos sociocognitivos e linguísticos

(Childisches mother-colloquy: speculation in the light of operations
And processes sociocognitves and linguistics)

Valdir VEGINI*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – (UFR)

Rebecca Louize VEGINI*

MAPLE BEAR CANADIAN SCHOOL

RESUMO

O artigo teve por objetivo especular ou conjecturar sobre alguns aspectos das operações e dos processos sociocognitivos e linguísticos presentes em dois curtos diálogos ocorridos entre duas mães e suas respectivas filhinhas, ambas com menos de três anos. À luz dos conhecimentos neurocientíficos da última década do século XX e dos avanços da lingüística textual, os dois diálogos mostram as ações holísticas (lingüísticas, cognitivas e sociais) tanto das crianças quanto de suas mães durante o breve diálogo registrado.

PALAVRAS-CHAVE:

Lingüística textual. Operações e processos sociocognitivos e linguísticos. Neurolingüística. Fala espontânea. Diálogos materno-infantis.

*Sobre os autores, ver página 74.

ABSTRACT

The article aimed to speculate or conjecture about some aspects of operations and processes socio cognitive and linguistics in two short dialogues occurring between two mothers and their little children, both less than three years. In the light of knowledge neuroscientific the last decade of the twentieth century and advances in textual linguistics, the two dialogues show holistic actions (linguistic, cognitive and social) as much as the children from their mothers during the brief dialogue recorded.

KEYWORDS

Textual linguistics. Operations and processes sociocognitives and linguistics. Neurolinguistics. Spontaneous speech. Mother/ child dialogues.

1 O contexto da pesquisa

No epílogo do livro “Desvendando os segredos do texto”, Koch (2006, p. 149) reitera a pergunta de Heinemann e Viehweter (1991): “Quo vadis, Textlinguistick?”. O presente artigo toma essa pergunta como mote e, a partir dela, especula alguns aspectos das operações e dos processos sociocognitivos e linguísticos presentes em dois curtos diálogos ocorridos entre duas mães e suas respectivas filhinhas, ambas crianças com menos de três anos de idade.

2 A Linguística Textual

2.1 Breve levantamento histórico

Koch (2006, p. 149-157) destaca sete formas teóricas de concepções de texto que têm acompanhado a história da Linguística Textual até então e que, no transcurso desse processo, foram se sucedendo com base nos seguintes fundamentos: gramatical, semântico, semiótico, discursivo-pragmático, comunicativo e cognitivista. Essa última concepção teórica do Texto foi ganhando cada vez mais terreno, especialmente a partir dos estudos de Van Dijk (1992, 1998) e Kintsch e Van Dijk (1975), e passou a dominar a cena das pesquisas nessa área no início da década de 90, já, porém, com forte tendência sociocognitivista.

Atualmente, constata a autora,

[...], com o desenvolvimento cada vez maior das investigações na área de cognição, as questões relativas ao processamento do texto, em termos de produção e compreensão, às formas de representação do conhecimento na memória, à ativação de tais sistemas de conhecimento por ocasião do processamento, às estratégias sociocognitivas e interacionais nele envolvidas, entre muitas outras, passaram a ocupar o centro dos interesses de diversos estudiosos do campo. [...] (KOCH, 2006, p. 151-152).

Daí que, completa,

[...] assumem importância particular as questões de ordem sociocognitiva, que envolvem, evidentemente, as de referenciação, inferenciação, acesso ao conhecimento prévio etc.; o tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita; [...] (KOCH, 2006, p. 151-152) (Grifo nosso).

No tocante ao “[...] estudo do texto falado, que envolve também, obviamente, questões de ordem sociocognitiva e interacional” (op. cit, p. 162), o interesse é ainda maior, assegura Koch, tanto na Europa quanto na América (KOCH; OESTERREICHER, 1990). No Brasil, o tema desperta igual atenção como atestam os trabalhos em torno do Projeto do Português falado (PRETI, 1993, 1999, 2000; ILARI, 2002; KOCH, 2002; CASTILHO, JUBRAN; KOCH, 2006; MARCUSCHI, 1983, 2001), ganhando, porém, contornos diferentes dos da Análise da Conversação.

Do exposto, não restam dúvidas quanto à trajetória preferencial da Linguística Textual para os próximos anos, a de que questões relacionadas ao processamento sociocognitivo do texto ou do discurso falado ou escrito sob uma ótica transdisciplinar ocuparão o centro das atenções dos interessados nesse subdomínio da lingüística. Sob esse prisma, afirma Koch - como base em Beaugrande e Dressler (1980, 1981), Beaugrande (1997) e Antos e Tietz (1997) - o texto falado ou escrito passa a ser observado não necessariamente no que deve conter e/ou satisfazer, mas em relação ao “conjunto de condições que conduz cognitivamente à produção de um evento interacionalmente comunicativo” (KOCH, 2001, p. 16) (Grifo nosso).

3 Operações e processos (sócio)cognitivos

3.1 Conexões, reforços e podas

Em “Repensando o Cérebro”, Shore (2000) traz uma visão geral dos avanços científicos obtidos pelos neurocientistas na última década do século XX acerca do funcionamento do cérebro e nelas ancoradas sugere formas de promover o aprendizado e o desenvolvimento saudável de crianças. Seus ensinamentos são fundamentais também para a teoria e a prática docentes, e cruciais para quem tem como meta alcançar um nível de conhecimento sociocognitivo razoável para a (na e da) produção/compreensão textual.

A atividade lingüístico-textual – desnecessário seria dizer - depende verticalmente do funcionamento do cérebro, ou seja, da passagem rápida e eficiente de sinais por entre intrincada rede de conexões de que ele é composto. Essa rede é constituída de milhões de nós (neurônios), conectados entre si por eventuais ligações (sinapses), vitais para o desenvolvimento e o aprendizado. Como afirma Shore (2000, p. 50), “quando um indivíduo interage com o meio - reagindo a estímulos, recebendo informações, processando-as ou armazenando-as – novos sinais ocorrem por entre essas redes neurais”.

Durante os três primeiros anos de vida, prossegue a autora, ocorre um aumento amplo e vertiginoso de sinapses, que se tornam permanentemente acessíveis se reforçadas pela experiência repetida. Assim, o conhecimento de um indivíduo depende decisiva e continuamente da interação entre a sua natureza (a herança genética) e a sua criação (a nutrição, o meio, os cuidados, os estímulos etc.). O cérebro humano tem uma capacidade impressionante de mudar e o faz generosamente em resposta às experiências físicas, cognitivas e emocionais que o meio lhe oferece, se lhe oferece! Subseqüentemente, completa Shore (2000, p. 80), “O cérebro se organiza em resposta ao padrão, intensidade e natureza dessas experiências.”

As células cerebrais formam o sistema nervoso central – os neurônios. Elas se proliferam antes do nascimento e por caprichos da natureza, ainda não suficientemente deslindados pelo homem, ao nascer, o cérebro encontra-se em um estado incrivelmente inacabado. Em outros termos, a maioria dos seus 100 bilhões de neurônios ainda não está ligada em rede. A formação e o reforço dessas ligações são as tarefas-chave do desenvolvimento cerebral

inicial. As conexões entre os neurônios se formam à medida que a criança experimenta o mundo que a cerca e estabelece ligações com os pais, com os membros de família e com outros cuidadores. Na primeira década de vida, um cérebro infantil forma trilhões de conexões ou sinapses. Os axônios¹ prendem-se aos dendritos e compostos, chamados neurotransmissores, que facilitam a passagem dos impulsos pelas sinapses resultantes. Cada neurônio individual pode ser conectado até a 15 mil outros, formando uma imensa e complexa rede de caminhos neurais. Assim, quando as crianças atingem os dois anos, o número de sinapses chega a níveis de adultos; aos três, o cérebro de uma criança tem mil trilhões de sinapses, permanecendo inalterado durante a primeira década de vida (SHORE, 2000, p. 50-53).

Coube a Huttenlcher, revela Shore (2000, p. 54), a glória, mas também a estafante tarefa, de contar as sinapses no córtex frontal². Ele observou que os cérebros infantis têm muito mais ligações desse tipo do que os adultos, e que a densidade delas permanece alta durante a primeira década de vida. No final da adolescência, porém, metade de todas as ligações do cérebro é descartada, restando cerca de 500 trilhões, número que permanece relativamente inalterado para o resto da vida³. Daí se concluir que o desenvolvimento do cérebro é um processo de poda, muito pequeno na infância e altamente acentuado no início da adolescência. Vale lembrar que esse processo de desbaste sináptico ocorre de forma infinitamente robusta nas partes mais nobres do cérebro das crianças, particularmente no córtex cerebral/neocórtex⁴, mas é praticamente nulo no tronco cerebral, por exemplo.⁵

Durante esse processo, quem exerce efetiva e crucial influência nas decisões do cérebro em reter ou descartar conexões é a experiência a que são submetidos os indivíduos. Assim, quando certo tipo de estímulo ativa um caminho neural, todas as sinapses daquele caminho recebem e guardam um

¹ Prolongamento único de uma célula nervosa, por onde se transmite o influxo nervoso. (HOUAISS, 2001).

² O córtex frontal [ou lobo frontal] está envolvido na razão, planejamento, pensamento abstrato e outras funções cognitivas complexas, além da função motora (www.geocities.com).

³ Essa abissal redução, por tudo o que se tem visto, parece não estar impedindo descobertas geniais dos seres humanos, nem suas maldades meta-animalescas.

⁴ Neocórtex ou "novo córtex" ou o "córtex mais recente" é a denominação que recebem todas as áreas mais evoluídas e mais recentemente evoluídas do córtex. Constituem a "capa" neural que recobre os lobos pré-frontais e, em especial, os lobos frontais dos mamíferos. É a porção anatomicamente mais complexa do córtex (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neo>).

⁵ O cérebro humano pode ser dividido em três grandes partes: a) cérebro arcaico ou paleocéfalo ou reptiliano, sistema mais antigo, ao qual o ser humano recorre na ação psicomotora; b) cérebro límbico ou mesocéfalo ou mamífero, o que lida com a nossa economia emocional; c) o cérebro neocéfalo ou neocórtex, a estrutura cerebral mais recente em termos evolutivos, propriamente humana, e que lida com o pensamento e a racionalidade. (cf. www.hermesresearchsociety.com).

sinal químico. A repetição desse estímulo aumenta a força desse sinal legando diretamente àquelas sinapses o poder da inapagabilidade e da perenidade até a idade adulta. Dessa forma, as experiências – positivas e negativas – a que as crianças são submetidas nos primeiros anos de vida ajudam a formar seus cérebros adultos. Ao final de todo esse acelerado processo de novas conexões e de podas, o cérebro parece aquietar-se ou, melhor dizendo, novas conexões e podas entram em fase crescente de desaceleração, dando lugar a um sistema complexo e poderoso de trajetórias neurais arquivadas.

3.2 O papel da memória

A memória é o meio pelo qual uma pessoa recorre às suas experiências passadas a fim de usar esses conhecimentos no presente. Ela está vinculada aos mecanismos dinâmicos associados à retenção e à recuperação da informação sobre a experiência passada. Os psicólogos cognitivistas revelam que nesse processo mnemônico são identificadas três operações comuns: codificação, armazenamento e recuperação. Assim, na codificação, dados sensoriais são transformados numa forma de representação mental; já no armazenamento, a pessoa conserva a informação codificada na memória; e na recuperação o indivíduo extrai ou usa a informação armazenada na memória. (SMITH, 1988; SLOBIN, 1988, VAN DIJK, 1998).

Além disso, como já é sobejamente conhecido, o armazenamento de informação na memória acontece a curto (MCP) e a longo prazos (MLP) ou a curto/longo tempo ou duração. O armazenamento a curto prazo refere-se à manutenção ou retenção da informação por alguns segundos, como quando se olha um número de telefone no catálogo e imediatamente após a discagem ele é apagado da memória. Já no armazenamento a longo prazo conteúdos que são guardados na memória permanecem durante longos períodos de tempo ou mesmo indefinidamente (SMITH, 1988, SLOBIN, 1988, VAN DIJK, 1998).

Trabalhos teóricos mais recentes em psicologia cognitiva têm postulado a existência de uma terceira memória que denominam de *working memory* (WM), memória operacional ou memória intermediária, cuja função seria a de “remeter às estruturas os processos utilizados para armazenar e manipular informações temporariamente⁶. Em outros termos, a WM teria o papel de fazer

⁶ Disponível em: <www.wikipedia.org>. Acesso em: 15 out 2008.

a mediação entre a MCP e a MLP, operando de forma paralela aos processos conscientes, porém limitados em termos de capacidade da MCP [...] constituída de dois subsistemas, um destinado ao tratamento verbal, outro, ao tratamento visuo-espacial, completados por uma espécie de executivo central (KOCH, 2006, p. 38).

Segundo Koch, por ocasião de um processamento, uma série de processos entra em ação: seleção dos canais de informação da MCP; seleção das informações recentes pela MCP; manutenção ativa de informações na MCP; busca de estocagem mais elaborada na MLP; atividade de raciocínio ou de solução de problemas que implicam busca na MLP para posterior recombinação com elementos da MCP.

O sucesso do pensamento, da linguagem (e, aí, incluso o processamento textual, naturalmente) e ação, acentua a autora, repousa numa atuação holística dos componentes da memória. Grosso modo, e se fosse possível congelar e descrever o circuito da memória, talvez o Quadro 01 fizesse algum sentido.

Os sentidos captam imagens, diálogos, movimentos, cheiros etc. →
As informações são enviadas para o CÉREBRO e captadas pela MCP. →
Através de alterações na taxa de disparos químicos entre os NEURÔNICOS ocorre um rearranjo no CIRCUITO CEREBRAL. →
Concluído o re-arranjo, a MCP envia o resultado para a MLP. →
Entra em ação o HIPOCAMPO, que executa a função de arquivar para o futuro os rostos, os números, os diálogos, as idéias etc. que foram captadas pelos sentidos e organizadas pela MCP. →
Concomitantemente, o HIPOCAMPO envia esses dados para diferentes partes do CÓRTEX CEREBRAL. →
No CÓRTEX CEREBRAL ocorre uma alteração química mais profunda do que a descrita no terceiro momento, fortalecendo o diálogo entre as CÉLULAS da MASSA CEFÁLICA. →
As cenas, os sons, os cheiros etc. são integrados aos circuitos do CÉREBRO. →
O HIPOCAMPO ¹ SAI DE CENA E ENTRA O LOBO FRONTAL. → ...
O LOBO FRONTAL ² coordena as diversas memórias da mente. → ...
A MCP e a MLP entram em sintonia e completam o CIRCUITO MNEMÔNICO para formar o raciocínio. (registro, interconexões, recuperação, recordação).

Quadro⁷ 01: Síntese das etapas envolvidas no processo mnemônico baseado na literatura especializada

⁷ [1] Hipocampo é uma estrutura localizada nos lobos temporais do cérebro humano, considerada a principal sede da memória e importante componente do sistema límbico. Além disso, é relacionado com a navegação espacial (wikipedia.org/wiki/Hipocampo). [2] Lobo frontal é uma estrutura cerebral responsável pelo processo de recordação das informações estocadas (extremamente desenvolvida e complexa nos seres humanos) (wikipedia.org/wiki/Hipocampo).

4 Operações e processos sócio(cognitivos)

4.1 Um arquipélago de manifestações

Dentro das novas perspectivas propostas por Antos (apud KOCH, 2006, p. 154-157), o texto passa a ser definido como “um evento comunicativo no qual convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais” ou, como propõe Beaugrande (1997 apud KOCH, 2006, p. 154), “ações cognitivas, discursivas e sociais (ações de identificação, conexão, experimentação, temporalização, espacialização, observação, mensuração, predição etc.)” (grifo nosso). A produção de um texto individual (falado ou escrito) pressupõe sempre a ativação de outros domínios (pressuposições, inferências, intertextos etc.) de tal forma que um texto singular passa a ser uma entidade utópica visto que qualquer produção verbalizada será constituída efetiva e obrigatoriamente de um mosaico de vozes ou de textos. Esses conglomerados textuais – como afirma Koch – não só tornam visível o conhecimento de mundo de quem o produz, mas, sobretudo, o tornam sociocognitivamente existente. Daí a necessidade cada vez mais intensa de se transformar a Ciência ou Lingüística Textual numa “ciência integrativa” (ANTOS; TIEZ, 1997, apud KOCH, 2006, p. 157), ou seja, uma ciência multi- e transdisciplinar, que permita transitar com maior segurança pelos meandros do tecido textual em busca do sentido.

Em sendo assim, e *mutatis mutandis*, a consagrada frase de Thomas Merton⁸ pode ser apropriadamente parafraseada para a concepção que a Lingüística Textual está assumindo na atualidade: “Texto algum é uma ilha”. Um texto - falado ou escrito – é verdadeiramente um arquipélago de manifestações, um mosaico de vozes, do presente e do passado, nunca uma ilha solitária. A tessitura de um texto, nessa ótica, passa a ser vista como o

⁷ “Homem algum é uma ilha.” (*França, 1915; +Tailândia, 1968). (<http://merton.sites.uol.com.br>)

resultado de um comportamento verbal no qual, explícita ou implicitamente, estão presentes fragmentos de outros textos “legados e transmitidos pelo passado”⁹ e/ou captados pansensorialmente das informações advindas da sociedade circunjacente, virtual ou real, consciente ou inconscientemente.

Toda a maravilhosa complexidade da mente humana só pode ter sido alcançada por pressões cognitivas do eu na presença do outro (*ego in praesentia alteri*). Nessa direção, dentre as melhores frases já ditas para definir a relação “eu *versus* outro” certamente está a do teólogo, filósofo e escritor austríaco Martin Buber¹⁰.

Toda a vida verdadeira é um encontro. O facto fundamental da existência humana não é o indivíduo enquanto tal, nem a colectividade enquanto tal. Ambas as coisas consideradas em si mesmas não são senão formidáveis abstrações. O facto fundamental da existência humana é o homem como homem. (...) O outro não é apenas alguém que tenho ao meu lado, mas alguém sem o qual eu não seria eu.

Em outras palavras, se tirarmos o outro de dentro de nós, sobra-nos um grande vazio repleto do nada. Daí a centralidade e a relevância ontológica cada vez maior que o fenômeno da alteridade está adquirindo na filosofia moderna e nas tentativas de compreensão da mega complexidade que subjaz à alma humana e, por extensão, a um texto falado ou escrito.

4.2 A alteridade necessária

Somente na década de vinte/trinta do século XX, idéia semelhante à formulada por Buber mereceu avaliação científica, e ainda assim, por conta de dois ilustres desconhecidos do Ocidente até praticamente o último quartel do século XX: Mikhail Mikhailovich Bakhtin e Lev Semionovitch Vygotsky¹¹.

O primeiro é hoje uma referência mundial na área de teoria e crítica literárias, na sociolinguística, na análise do discurso e na semiótica. Ele é, na verdade, um filósofo da linguagem e sua lingüística é considerada uma “trans-

⁸ Marx, K, “O dezoito brumário de Luiz Bonaparte” In: Os pensadores. São Paulo: Abril, 1974.

⁹ Viena, 1878-1965. Disponível em <<http://www.ronau.com/frases-de/martin-buber>>. Acesso em: 27 set 2008.

¹⁰ Moscou, 1895- 1975; Orsha/Moscou, 1896 -1934. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 27 set. 2008.

lingüística” porque ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise lingüística deve incluir fatores extra-lingüísticos como contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, o momento histórico etc. O segundo, um psicólogo de primeira grandeza de sobrenome Vygotsky, com o mesmo grau de prestígio que Bakhtin, dedicou-se ao estudo dos signos de instrumentos simbólicos, com especial atenção à linguagem, que para ele configurava-se como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos e elaborado no curso da história social. Vygotsky (FREITAS, 1996; REGO, 1999) dá importância à dimensão social, interpessoal, na construção do sujeito psicológico. Em resumo, o realce que esses dois cientistas dão à linguagem é sua relação estreita, intrínseca mesmo, com o contexto histórico e social do falante/ouvinte.

Freitas (1996, p. 131-141) formula assim uma síntese das idéias de Bakhtin: a) A linguagem é expressão e produto da interação social do locutor, do receptor e do tópico do discurso; b) Dado o caráter essencialmente social da linguagem, é possível apreender na voz de cada indivíduo a voz do outro e, portanto, também a variedade lingüística, as lutas de poder, lutas de classe, ideologismos etc.; c) A consciência e o pensamento de cada um são formados não apenas a partir das palavras, mas das idéias dos outros, relativizando, assim, a natureza da autoria; d) O objeto de análise do pesquisador não é a enunciação monológica e individual, mas todo ato de fala único e não-reiterável, produzido interativamente; e) A unidade do mundo está nas múltiplas vozes que participam do diálogo na vida e na história; a fala interiorizada é polifônica; f) As relações que unem os homens numa sociedade são determinadas, primeiramente, pela necessidade de buscar alimento, vestir-se, abrigar-se e são, portanto, relações de produção; g) O material verbal, a sua onipresença social faz dele o indicador mais sensível das transformações que afetam uma sociedade; h) A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais ínfimas, mais efêmeras das mudanças sociais, ou seja, a palavra é um símbolo ideológico por excelência; i) Entendida como um processo e não como um mero instrumento, a linguagem é estudada em suas mais profundas características: sua polifonia (as vozes de que ela se constitui), sua polissemia (multiplicidade significativa), sua abertura e incompletude (intertextualidade), sua dialogia constitutiva (princípio de

compreensão de todas as modalidades lingüísticas); j) O diálogo aparece como forma primeira de fala, mediador na qualidade de estímulo externo e reversível, na medida em que se interioriza e vai desenvolvendo aos poucos a consciência do mundo e a consciência de si; quem ouve e lê adota uma atitude “responsiva ativa”, ou seja: concorda, discorda, completa, adapta, executa, embora em grau muito variável; k) A linguagem é o melhor termômetro das mudanças sociais, pois carrega em si as marcas da história cultural de um povo; estudá-la e compreendê-la é uma forma privilegiada de compreender a caminhada do homem; l) Cada enunciado funciona como um elo numa cadeia complexa de outros enunciados; m) A educação escolar deve ser realizada através de um processo mediado, inevitavelmente, um processo político.

Segundo a autora, Bakhtin considera que

[...] o fato lingüístico não pode ser entendido apenas como uma realidade física, mas que seria necessário inseri-lo na esfera social, para tornar-se um fato de linguagem, compreendendo como indispensáveis e unidade do meio social e da do contexto social. [...] Na prática viva da língua, a consciência lingüística do falante e do ouvinte relaciona-se sempre com a linguagem (FREITAS, 1996, p. 133) (Grifos nossos).

O homem, conclui, não é um ser biológico abstrato, mas histórico e social e a linguagem desse homem também se historiciza, enraizando-se na existência histórica e social dos homens. O enunciado, observa, pertence a um universo de relações dialógicas inteiramente diferentes das relações meramente lingüísticas. Enquanto a palavra ou a sentença são uma unidade da linguagem, o enunciado é uma unidade da comunicação discursiva. Desse modo, todo o enunciado tem dois aspectos: o lingüístico, que é reiterativo e se refere a um objeto pré-existente, e o contextual, que é único tendo como referência novos enunciados. Nesse sentido, o enunciado se produz sempre num contexto que é sempre social, entre duas pessoas socialmente organizadas, não sendo necessária a presença atual do interlocutor, mas apenas pressuposta. Assim, todo enunciado é um diálogo já que – como disse Buber - “se não fosse o outro eu não seria eu”.

4.3 Significado e sentido

Bakhtin, explica Freitas (1996), distingue na enunciação o significado e o sentido. O primeiro remete ao conteúdo abstrato, ao que está dicionarizado; o segundo é sempre e obrigatoriamente contextual. O sentido exige uma compreensão ativa, mais complexa, em que o ouvinte, além de decodificar, relaciona o que está sendo dito com o que ele está presumindo e prepara uma resposta ao enunciado. Ignorar a natureza social e dialógica do enunciado, alerta a autora, com base nos conceitos de Bakhtin, seria apagar a profunda ligação existente entre a linguagem e a vida. Os enunciados não existem isolados: cada enunciado pressupõe seus antecedentes e outros que o sucederão; é apenas um elo de uma cadeia, só podendo ser compreendido no interior dessa cadeia. O centro organizador e formador da atividade mental não está no interior do sujeito, mas fora dele, na própria interação verbal. Não é a atividade mental que organiza a expressão, segundo Bakhtin, mas é a expressão que organiza a atividade mental, modelando e determinando a sua orientação. Portanto, quanto mais forte, mais bem organizada e MAIS diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior. A palavra, como disse Bakhtin (BAKHTIN, 1929, p. 95, 113) é uma espécie de ponte entre os homens e está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. Apóia-se sobre o emissor numa extremidade; na outra, sobre seu receptor.

4.4 Ferramentas de mediação

O desenvolvimento das funções mentais superiores do homem ocorre, como mostra Garcez (1998) ao analisar as teorias de Vygotsky e Bakhtin, em dois momentos (social e individual) e ambos se efetivam por meio da utilização de recurso mediacionais em que se destacam a experiência sociocultural e o signo, principalmente a linguagem.

Para Vygotsky, a ajuda do adulto pode levar a criança a resolver questões mais complexas do que as que ela resolveria sozinha. O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos

lingüísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança; para Bakhtin, as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos oriundos do ontem e do hoje e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. Por conseguinte, o discurso é sempre polifônico, pois cada palavra vem carregada de vozes que podem ser/estar infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas, inapreensíveis; ou de vozes próximas, que soam simultaneamente.

De acordo com psicólogo russo, prossegue Garcez (1998), no processo de desenvolvimento, a criança começa usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela. Isso ocorre porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, refratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia a atender seus objetivos. E isso envolve comunicação, ou seja, a fala.

5 Operações e processos lingüísticos

5.1 A Fonologia Natural e Fonoestilística

A Fonologia Natural é, segundo Cristófaros-Silva (2002, p. 201), uma corrente alternativa proposta por Stampe (1973) para fazer frente à fonologia gerativa padrão e, de certa maneira, dá continuidade às perspectivas teóricas levantadas por Chomsky e Halle (1968) quanto à naturalidade das representações e processos fonológicos. Assim, como lembram Donegan e Stampe (1978), a Fonologia Natural é um desenvolvimento moderno e integrado das mais antigas propostas explicativas da fonologia. Ela se inspira em estudos sobre fonética e a mudança fonética do século XIX, a variação dialetal, a fala da criança, a alternância vocálica e em trabalhos da primeira metade de século XX sobre a fonética dinâmica e a percepção fonológica. A tese básica é a de que os padrões vivos das línguas, tanto no seu desenvolvimento idioletal, dialetal ou socioletal como na sua evolução através dos tempos, são governados por forças implícitas na vocalização e na percepção humanas. Na versão moderna da teoria (DRESSLER, 1972, 1973, 1984, 1985; STAMPE, 1973; DONEGAN; STAMPE, 1978; KIPARSKY, 1985; OHALA, 1986, 1987), essas forças fonéticas implícitas

se manifestam através de processos, ou seja, de substituições mentais que, de modo sistemático, mas subconsciente, adaptam as intenções fonológicas (IF) do falante às suas capacidades ou realizações fonéticas (RF) e que, inversamente, habilitam-no a perceber na fala dos outros as intenções fonológicas subjacentes às realizações fonéticas superficiais. Isso explica a classificação tipológica entre os processos enfraquecedores (*lenition processes*), que favorecem o conforto articulatório e os fortalecedores (*fortition processes*), que favorecem o conforto perceptual. Os primeiros atuando, de preferência, nos registros fonoestilísticos espontâneos, casuais, rápidos; os segundos, nos registros formais, enfáticos, lentos. Nesse sentido, o sistema fonológico de uma língua seria apenas o resíduo de um sistema universal e inato de processos de tal modo que ao invés de se falar em aquisição da linguagem seria mais apropriado dizer que a aquisição de uma língua particular ocorre por desaquecimento parcial da linguagem universal. A Fonologia Natural é, pois, uma teoria natural no sentido estabelecido por Platão segundo o qual a linguagem deve ser considerada como uma manifestação natural das necessidades, capacidades e mundo dos seus usuários e não como uma instituição meramente convencional. É também uma teoria natural na medida em que tenta explicar seu objeto, mostrando que ele se conforma à natureza das coisas. Em outros termos, a Fonologia Natural não é uma teoria convencional no sentido da filosofia positivista que tem dominado a lingüística moderna e cuja finalidade é descrever (e não explicar) seu objeto exaustiva e exclusivamente, por exemplo, gerando o conjunto das línguas fonologicamente possíveis. Essa distinção fundamental entre natural e convencional justifica o tratamento diferenciado que a nova concepção reserva à explicação das alternâncias fonológicas, distinguindo, de um lado, os processos produtivos e, de outro, os não produtivos. Os últimos, entendidos como aqueles que se fossilizaram na gramática após terem perdido a sua produtividade e que podem ser descritos por meio de regras morfofonológicas, sem motivação ou com motivação apenas morfológica. A Fonologia Natural, enfim, busca explicar a natureza dos processos fonológicos e determinar as características das regras específicas das línguas naturais.

5.2 Descompasso entre a IF e a RF

Os processos fonológico-fonéticos que caracterizam a fala casual podem ser explicados como o resultado inevitável de uma aceleração da velocidade do enunciado. Os órgãos articulatórios não dispõem de tempo suficiente para se adaptar aos objetivos determinados pelo *input*, ou seja, a intenção fonológica (OHALA, HOMBERT; EWAN, 1979).

Do ponto de vista da Fonologia Natural, o primeiro e principal mecanismo de uma mudança fônica é a eliminação de restrições sobre processos. A supressão da interdição absoluta de processos, na concepção de Stampe (1973), equivaleria ao conceito chomskyano de adição de regra. Dressler (1984) observou que a dinâmica de uma mudança fônica consiste na generalização de processos enfraquecedores que, numa primeira fase, limitam-se ao registro casual, para, em seguida, manifestarem-se em situações lingüísticas cada vez mais formais até se tornarem obrigatórios. Enquanto os processos fortalecedores atuam, preferencialmente, nos registros formais, enfáticos, tensos e nas posições fortes, tais como nas vogais tônicas, em início de palavra e núcleo silábico, os enfraquecedores realizam-se nos registros rápidos e relaxados e nas posições fracas como as mais resistentes à identificação perceptual por razões de limitações físicas do aparelho auditivo humano, que reluta em captar seqüências tornadas breves pela velocidade de articulação e por uma questão de complacência do filtro psicoacústico que cada indivíduo possui e que tem como principal efeito recuperar perceptualmente a maior parte das distorções fonéticas involuntárias, relativamente às intenções fonológicas e, em especial, nos registros descuidados.

Ora, observar os dados sob a ótica da Fonologia Natural ou, melhor dizendo, da Fonoestilística, implica em alterar o formato da concepção tipológica dos processos produtivos. É geralmente admitido que os estilos formais, enfáticos, lentos representam os tipos de fala mais conservadores; que os estilos ditos normais ou médios se posicionam numa faixa intermediária; e que os estilos espontâneos, casuais, rápidos são mais progressistas. A mudança histórica das línguas, portanto, ocorreria a partir da fala espontânea, considerada sincronicamente como um estilo extremamente progressista, casual, muitas vezes estigmatizado socialmente, mas que poderá tornar-se a

fala normal de uma futura geração. Do mesmo modo, o estilo normal de hoje pode, no futuro, ser considerado extremamente formal, até mesmo arcaico ou pedante. Nessa perspectiva dinâmica, os registros espontâneos de hoje serão os registros normais de amanhã e os registros formais de depois de amanhã. Entende-se, pois, que a utilização da metodologia da fonostilística pancrônica (sincronia e diacronia simultâneas) é uma forma mais objetiva que os estudos acústicos estáticos de observar os eventos de fala na medida em que permite acompanhar efetivamente, *in vivo*, aqui e agora, a dinâmica evolutiva das línguas.

6 Corpus de análise

As ocorrências analisadas neste artigo são retiradas do diálogo de fala natural entre duas crianças com suas respectivas filhas.

Diálogo I: entre mãe e filha de 2 anos e 5 meses.	Diálogo II: entre mãe e filha de 2 anos e 2 meses.
(Mãe) - como é o nome da tua boneca?	(Mãe) - já fizeste o teu lanche?
(Filha) - o nome dela é tamila!	(Filha) - já!
(Mãe) - tamila! Que bonito!	(Mãe) - o que tu comeste de bom?
(Filha) - não, é tamila!!!	(Filha) - boiassinha e leti.
(Mãe) - tamila?	(Mãe) - tava bom?
(Filha) - não, tamila!	(Filha) - tava!
(Mãe) - ah! camila!	(Mãe) - tu tomas o leite com...?
(Filha) - é, tamila.	(Filha) - tomi leti, com... dessado!

Quadro2: Diálogos entre duas crianças e suas respectivas filhas

7 Discussão

7.1 Operações e processos linguísticos

7.1.1 Diálogo I (D1)

As especulações acerca das operações e processos sociocognitivos presentes em dois curtos diálogos ocorridos entre duas mães e suas respectivas filhinhas, ambas crianças com menos de três anos de idade, iniciam-se com o foco em alguns aspectos linguísticos materializados nos dois textos, particularmente os de cunho fonético-fonológico, conforme

reza a teoria parcialmente apresentada no item 4 (DRESSLER, 1972, 1973, 1984; STAMPE, 1973; DONEGAN; STAMPE, 1978; KIPARSKY, 1985; OHALA 1986, 1987, OHALA; HOMBERT; EWAN, 1979) e, também, em Cagliari (2002).

Com base nessa teoria, é possível compreender por que a criança do **D1** pronuncia “**T**amila” e não “**C**amila” para nomear sua boneca. Para ela, de forma inconsciente, evidentemente, o fonema /**k**/ (grafema **c**) se realizará por ainda longo tempo como /**t**/ em início de palavra, apresentando, portanto, uma nítida discrepância entre sua **IF** (seu /**k**/ virtual) e a **RF** (seu [**t**] real). Isso se deve a razões axiomáticas, entre as quais – salta à vista – a sua tenra idade. Todavia, sob o ponto de vista científico, essas razões óbvias carecem de explicações convincentes.

Um indivíduo com a idade da menina do **D1**, por conta de tudo o que o saber lingüístico universal já oferece (CHOMSKY, 1957, 1965; SLOBIN, 1988) e pelas expressões verbais contidas no colóquio entre ela e sua mãe, pode e deve ser considerado um falante nativo com domínio avançado da língua materna hegemônica falada no Brasil. Todavia, por razões, provavelmente idiossincráticas, o fonema consonantal oclusivo velar surdo/desvozeado /**k**/ em início de palavra, que a criança do **D1** já tem comprovadamente internalizado em sua mente, realiza-se foneticamente como um contóide (PIKE, 1961) oclusivo alveolar surdo/desvozeado [**t**] do início ao fim do breve diálogo. Ou seja, o nome ‘**T**amila’ - para a menina - equivale sempre à boneca ‘**C**amila’; ou ainda, o fonema /**k**/ virtual do sistema fonológico dessa criança será sempre realizado (enquanto seu processo de maturação lingüística não se completar), como um [**t**] real. Quais seriam as razões? Provavelmente por motivos psico-fisiológicos, particularmente os de ordem articulatória, melhor, de conforto articulatório. Seus músculos buco-faciais ainda não se conformaram plenamente às exigências do padrão da língua materna falada que, no caso do português, não prevê de forma alguma a articulação do alofone ou contóide [**t**] - mas unicamente [**k**] - no lugar do fonema /**k**/ -, em início de vocábulo (/ka¹mila/ → [ta¹mila]). Além disso, a princípio, um /**t**/ ou um [**t**] apresenta menor complexidade articulatória que um /**k**/ ou um [**k**]. Para a articulação do [**t**], basta a aproximação do ápice da língua à região alveolar e/ou pós-dental da arcada pré-palatal da boca; no caso do [**k**], há uma demanda de maior esforço físico na medida em que a língua precisa

se deslocar para o fundo da boca e seu dorso se aproximar do véu palatino. Em suma, o ambiente em que o fonema /k/ ocorre na palavra ‘Camila’ não admite alomorfas, mas razões psico-fisiológicas durante o processo da aquisição da linguagem em crianças lusófonas tornam isso perfeitamente possível. Além disso, como reza uma máxima francesa relativa à Medicina e ao Amor¹² também em termos lingüísticos, os falantes com menos de três anos idade em processo de aquisição da linguagem, obedecidos os limites universais, interpretam a realidade lingüística a que estão expostos de forma idiossincrática, i.e., como indivíduos.¹³ Daí algumas crianças dizerem ‘tatolo’ para ‘cachorro’ e outras ‘Tamila’ para ‘Camila’.

7.1.2 Diálogo II (D2)

O **D2** apresenta maior número de fenômenos lingüísticos, todos eles, porém, dentro de parâmetros já conhecidos e previsíveis.

Na palavra ‘bolachinha’ dita ‘boiasinha’ ou [boia¹sij̃a] ~ [boj̃ja¹sij̃a] ~ [boiia¹sij̃a] há uma comutação do fonema consonantal lateral aproximante alveolar sonoro/vozeado /l/ (um ruído) pelo fonema vocálico anterior fechado oral /i/ (um som musical); ou, se se preferir, uma permuta do fonema /l/ por uma semiconsoante aproximante medial palatal sonora/vozeada [j] seguida de inserção de uma semiconsoante idêntica; ou ainda, uma substituição do fonema /l/ por uma semivogal anterior fechada centralizada [ɪ] seguida da inserção de uma semivogal idêntica, formando, assim, dois ditongos co-articulados [oɪ] / [Ia]. Apesar de a comutação parecer mais complexa, trata-se, na realidade, de uma estratégia lingüística criativa e previsível em falantes em processo de aquisição da linguagem que, na tentativa de evitarem a emissão de uma consoante (um ruído), sempre produzida com alguma obstrução no trato oral, procuram contornar a situação produzindo sons aproximantes ou semiconsontais ou semivocálicos, mais próximos, portanto, dos sons musicais que ocorrem livres de oclusão/obstrução no trato oral. A versatilidade fonética da criança do **D2** não deixa dúvidas de que se trata de um falante em pleno uso de

¹¹ “Na Medicina como no amor, nem nunca, nem sempre.” Ou, como no original, "Dans la médecine, comme en l'amour, ni jamais, ni toujours";

¹² Do latim *individiuus, a, um* 'indivisível, uno, que não foi separado'; ver ¹*divid-*; f.hist. sXV *jndiujuo*. (HOUAISS, 2001)

suas faculdades lingüísticas.

A explicação acima se aplica, em parte, também a outro fenômeno lingüístico presente na consoante da sílaba tônica do vocábulo ‘boiasinha’. O fonema fricativo palato-alveolar surdo/desvozeado /ʃ/ (IF), realizado foneticamente como fricativo alveolar surdo/desvozeado [s], é, mais uma vez, uma estratégia inconsciente da criança para livrar-se de um som mais complexo já que seus órgãos buco-faciais ainda se encontram em processo de ajustamento. A adequação da língua às condições fisiológicas exigidas para a emissão de um fonema palato-alveolar (/ʃ/) demandam maior esforço articulatório do que o fone alveolar como [s], obviamente.

Em ‘leti’ e ‘tava’, dois fenômenos diferentes, mas presentemente corriqueiros também na fala de adultos em todo o território nacional, ocorrem pelas seguintes possibilidades: um ditongo se torna um monotongo quando em posição tônica (/ei/ → i / '\$) como em /'peɪʃe/ → ['peʃi]; uma vogal em final de palavra sofre elevação ([e → i / __ #]) como em /'peɪʃe/ → ['peʃi]; uma sílaba pretônica inicial, em registro espontâneo (causal, relaxado), (pode) ser apagada ou suprimida (,\$ → ø / # __ '\$) como em ‘estava’ → [is'tava → s'tava → ø'tava → 'tava] ou como em /vo'se/ → ['se].

Já em ‘tomi’ e ‘com dessado’, ocorrem dois fenômenos praticamente exclusivos na fala de crianças em processo de aquisição da linguagem. No primeiro caso, ela utiliza uma estratégia chamada analogia lingüística. Como convive com pessoas que falam vendi, parti, corri, fugi, transfere essa lógica dos verbos regulares da segunda e terceira conjugações para ‘tomar’ → [to'mi], um verbo da primeira conjugação, algo que ela, compreensivelmente, ainda não internalizou. No caso de ‘condessado’ → ['kõ.de'sado] no lugar de ‘condensado’ ocorre uma desnazalização da vogal pretônica não inicial [ẽ → e / __ '\$], fenômeno que também acontece, mas não tão frequentemente, quando uma criança diz ‘to mutu casada’ (['to'mutuka'sada]) no lugar de ‘to muito cansada’ (['to'muĩtukã'sada]) ou como em ['meũ.deti.ta.do'čenu] no lugar de ‘meu dente está doendo’.

7.2 Operações e processos sociocognitivos

Embora o corpus de análise contenha apenas dois reduzidíssimos diálogos entre duas mães e suas respectivas filhas, dele se pode abstrair

densas informações sociocognitivas. De fato, neles se pode observar ações lingüísticas, cognitivas e sociais (ANTOS, 1997, apud KOCH, 2006). As lingüísticas foram objeto de análise no item 5.1; as cognitivas e sociais passam a ser agora analisadas.

7.2.1 Operações e processos (socio)cognitivos

7.2.1.1 Diálogo I (D1)

Para a menina do **D1** dizer ‘o nome dela é tamila’ como resposta à pergunta da mãe, é porque sua vasta rede de conexões cerebrais foi estimulada e ela, através de sua MCP, foi em busca do conhecimento prévio abstraído de suas experiências anteriores similares e armazenado em sua MLP (SHORE, 2000). Nessa operação, certamente exerceu papel mediador entre a MCP e a de MLP a sua WM e com isso o seu processamento textual e a verbalização subsequente foram fruto de uma ação concatenada e de uma atuação plenamente holística. (SHORE, 2000; KOCH, 2006) O ruído comunicativo causado na mente da mãe ao ouvir ‘Tamila como o nome da boneca e sua insistência em obter da filha a palavra ‘Camila’ mostra que durante o processamento da informação auditiva seu circuito mnemônico formador do raciocínio teve dificuldades em encontrar o fonema /t/ no início de uma palavra que sua MLP insistia ser /k/ (Camila). O equívoco foi desfeito e a graça do colóquio alcançada no momento em que (pouco segundos depois) novos sinais entre as redes neurais no cérebro da mãe fizeram-na entender que o /k/ virtual da filha era um [t] real de sua fala e que assim sua filha queria ser aceita e entendida. Com isso, o texto, coeso e coerente, obtinha o grau sublime da textualidade.

7.2.1.2 Diálogo II (D2)

Da mesma forma que ocorreu no **D1**, a menina do **D2**, com apenas 2 anos e 2 meses de idade, estimulada pela pergunta da mãe penetrou por milésimos de segundos os meandros do seu cérebro à procura de uma resposta para a indagação: ‘o que tu comeste de bom?’. Aqui também vasta rede de conexões cerebrais foi estimulada e ela, através de sua MCP, foi em busca

do conhecimento prévio abstraído de suas poucas experiências similares anteriores armazenadas em sua MLP. A partir daí, ela pressupôs, inferiu e decidiu colocar em ação todo o seu sistema lingüístico já internalizado no seu cérebro (fonológico, fonético, semântico etc.) para responder à indagação da mãe: ‘boiasinha e leti’, contendo duas substâncias alimentícias que ela estava acostumada a ver e degustar, dois nomes armazenados em seu cérebro e pertinentes com o contexto lingüístico daquele momento histórico. (BAKHTIN, 1929).

Em seguida, sua mãe, exercendo com perspicácia e sabedoria sua função, volta a lhe instigar via o instrumento por excelência mediador: ‘tu tomas o leite com...?’. Ao inserir na pergunta o início da resposta, a mãe forçou o circuito mnemônico formador do raciocínio da filha. Essa, diante das dezenas de respostas possíveis que suas sinapses que ofereciam, concentrou sua atenção na palavra leite e não no “com quê?” e, dessa forma, seus neurônios a conduziram para as delícias de suas experiências com alimentos elaborados com leite condensado. Ela já tinha ouvido isso antes de sua própria mãe, dezenas, talvez centenas de vezes, e lhe devolveu o que aprendeu socialmente: ‘com ...dessado’ ou [‘kõ.de’sado]. A mãe esperava ‘bolachinha’ e a surpresa do **leite condensado** é que fechou com chave-de-ouro a textualidade do diálogo e deu graça ao colóquio.

7.3 Operações e processos socio(cognitivos)

De onde teriam, mães e filhas, obtidos esses recursos lingüísticos e cognitivos e os exteriorizados em suas falas de forma tão brilhante? Por que se lhes fizeram sentido as perguntas formuladas e as respostas emitidas? Por que os dois diálogos, apesar de tão breves e constituídos de tão poucas palavras, ao seu final, quase sem exceção, provocam maravilhamento nas pessoas que os lêem? Por que palavras como ‘boneca’, ‘Camila/Tamila’, ‘boiasinha e leti’ e ‘leti com... dessado’ têm o significado e o sentido que têm? De onde vieram esses conceitos que lhes estão agregados?

Todo texto, responde Bakhtin, é um mosaico de vozes, pois nele estão presentes fragmentos de outros textos legados e transmitidos pelo passado ou construídos e reconstruídos no presente; a linguagem, acrescenta, é a expressão e o produto da interação social do locutor, do receptor e do tópico do discurso;

ela é polifônica, polissêmica, aberta, incompleta, e dialógica; cada enunciado funciona como um elo numa cadeia complexa de outros enunciados e a consciência lingüística dos interlocutores relaciona-se sempre com a linguagem; além disso, assegura, todo enunciado tem dois aspectos: o lingüístico que é reiterativo e se refere a um objeto pré-existente, e o contextual, que é único, tendo como referência novos enunciados. Ele se produz num contexto que é sempre social, mesmo sem a presença real e/ou atual do interlocutor; ignorar a natureza social e dialógica do enunciado seria apagar a profunda ligação existente entre a linguagem e a vida (FREITAS, 1996). A linguagem se adquire na presença do outro, “outro que não é apenas alguém que tenho do meu lado, mas alguém sem o qual eu não seria eu”, diz Buber.

A ajuda do outro, afirma Vigotsky, pode levar a criança a resolver questões mais complexas do que as que ela resolveria sozinha e no seu início, ela usa as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela.

Esses e tantos outros conceitos emanados, sobretudo das páginas escritas por Bakhtin e Vygotsky, parecem responder a todas as indagações do primeiro parágrafo deste tópico e mostram como se realizam na concretude do ato discursivo as operações e os processos **sociocognitivos**.

8 Conclusão

Foi durante os poucos anos de convívio social (menos de três anos), *in praesentia alteri*, que as crianças do **D1** e do **D2** captaram através dos seus sentidos as informações vindas do ambiente vivencial cotidiano (**registro**) → e, inconscientemente, as enviaram para as suas MCP, que as enviou para serem organizadas pela MLP; armazenadas e transferidas pelo Hipocampo ao Córtex e integradas ao circuito cerebral, foram coordenadas pelo Lobo Frontal às diversas memórias da mente (**interconexões**) → e, estabelecida a sintonia entre a diversas memórias, entre as quais as duas mais conhecidas, a MCP e a MLP, completou-se o circuito mnemônico para formar o raciocínio. Os novos dados arquivados, filtrados e mesclados aos já contidos na mente, passaram a fazer parte da visão de mundo desses dois tenros seres que a deixaram fluir em suas falas (**recuperação**) congelados no tempo pelo diálogo (**recordação**) transcrito no *corpus* de análise.

O objetivo desse artigo foi especular ou conjecturar sobre alguns aspectos das operações e dos processos sociocognitivos e linguísticos presentes em dois curtos diálogos ocorridos entre duas mães e suas respectivas filhinhas, ambas com menos de três anos. Não há dúvidas quanto a incompletude da tarefa; todavia, alguns fragmentos de luz na direção da compreensão dos fenômenos encontrados e/ou encontráveis nos dois diálogos analisados parecem terem sido alcançados e, portanto, esses frágeis fachos de luz apontam para possíveis caminhos a serem trilhados pela Linguística Textual hodierna.

Se, contudo, o leitor, discordar no todo ou em parte do que aqui está escrito não se acanhe em mudar, acrescentar ou corrigir, afinal, como disse Martinho Lutherero, “ninguém está proibido de fazer melhor do eu”. Se o objetivo, porém, é apenas criticar por criticar, por gentileza, faça-o ainda assim, mas não perca a polidez, pois “A vida não é tão curta que não haja tempo suficiente para a cortesia.” (EMERSON, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTOS, G.; TIETZ, H. (Org.). **Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen, Trends.** Tübingen: Niemeyer, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1988. Edição Original: 1929.

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communications, and freedom of access to knowledge and society.** Norwood: Alex, 1997.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Einführung in die Textlinguistik.** Tübingen: Niemeyer, 1981.

_____. **Text, Discours, and Process.** London: Long-man, 1980.

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CASTILHO, A. T.; JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CHOMSKY, A. N. **Syntactic structures.** The Hague: Mouton and Co., 1957.

- _____. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT, 1965.
- _____; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2002.
- EMERSON, R. W. In: DAY, R. A. **Como escrever um artigo científico**. São Paulo: Santos, 2001.
- DONEGAN, P.; STAMPE, D. The study of natural phonology. In: DINNSEN, D.A. (Ed.). **Current approaches to phonological theory**. Bloomington: Indiana University Press, 1978, p. 123-176.
- DRESSLER, W. V. Explaining natural phonology. **Phonology Yearbook**, v. 1, p. 29-51, 1984.
- _____. On the phonology of language death. **Papers of the Chicago Linguistics Society**, v. 8, p. 448-57, 1972.
- _____. Pour une stylistique phonologique du latin: a propos des styles négligents d'une langue morte. In: **Bulletin de la Société de Linguistique**, v. 68, p. 1929-45, 1973.
- FREITAS, M. T. A. **Vygotsky & Bakhtin** – psicologia da educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1996.
- GARCEZ, L. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- HEINEMANN, W.; VIEHWEGER, D. **Textlinguistik: eine Einführung**. Tübingen: Niemeyer, 1991.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- KINTSCH, W.; DIJK, T. Comment on rappelled et on résumé des histories. **Langage**, Paris, n. 40, p. 116-298, 1975.
- KIPARSKY, P. Some consequences of lexical phonology. **Phonology Yearbook**, New York, v. 2, 1985.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Linguística textual: quo vadis?**. **DELTA**. São Paulo, v. 17, n. especial, p. 11-23, 2001.

_____. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2002.

_____.; OESTERREICHER, W. **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen: Niemeyer, 1990.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística do texto: o que é e como se faz**. Recife: UFPE, 1983.

MARTIN BUBER HUBER. Disponível em: <<http://www.ronaud.com/frases-de/martins-buber>>. Acesso em: 27 set 2008.

MARX, K. O dezoito brumário de Luiz Bonaparte. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.

OHALA, J. J. Experimental Phonology. **Proceedings of the annual meeting, Berkeley Linguistics Society**, 1987.

_____. Phonological evidence for top-down processing in speech processing. In: PERKELL, J. S.; KLATT, D.H (Eds.). **Invariance and Variability in Speech Processes**. Hillsdale, New Jersey: Laurence Erlbaum Associates Publishers, 1986.

_____.; HOMBERT, J.M.; EWAN, W.G. Phonetics explanation for the development of tone. **Language**. Baltimore, Maryland, v. 55, p. 37-58, 1979.

PRETI, D. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.

_____. **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

PIKE, K. L. **Phonemics**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1961.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SHORE, R. **Repensando o cérebro: novas visões sobre o desenvolvimento inicial do cérebro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SLOBIN, D. I. **Psicolinguística**. São Paulo: EDUSP, 1988.

STAMPE, D. **A dissertation on natural phonology**. 1973. [s.f.]. Tese (Doutorado). Departamento de Linguística da Universidade de Chicago, 1973.

VANDIJK, T. A. Modelos na memória – o papel das representações da situação no processamento do discurso. In: _____. **Cognição, discurso e interação**. Tradução de Ingedore Koch. São Paulo: Contexto, 1992, 158-181.

VANDIJK, T. A. Cognitive context models and discourse. In: OOSTEDORP, H. Van; GOLDMAN, S. (Ed.) **The construction of mental models during reading**. Hillsdale: Erlbaum, 1998.

Recebido em março de 2009.

Aprovado para publicação em setembro de 2009.

Publicado em dezembro de 2009.

SOBRE OS AUTORES

Valdir Vegini é Doutor em Letras/Linguística pela UFSC. É Professor Adjunto I da Universidade Federal de Rondônia/UNIR, campus PVH, Professor do Mestrado em Letras da UNIR (Capes, 2009), Professor da UAB/EaD/UNIR, vice-chefe do DLV/UNIR, Orientador de alunos de graduação e de pós-graduação. Tem experiência na área de Letras e Linguística, atua como docente de Língua Portuguesa, Linguística Geral, Linguística Textual, Fonética e Fonologia, Gramática Histórico-Comparativa e Metodologia Científica. Além disso, desenvolve pesquisas na área de Línguas Indígenas e é Coordenador/Orientador do Projeto de Pesquisa “Tradição Oral e Etnicidade Amazônica” da UNIR/PVH/RO.

E-mail: vvegini@gmail.com

Rebecca Louise Vergini é graduada em Letras pela Universidade da Região de Joinville. Tem experiência profissional nessa área, com ênfase em Língua Portuguesa. Atualmente é professora da “Maple Bear Canadian School” e pesquisadora voluntária (sub-coordenadora) do Projeto de Pesquisa “Tradição Oral e Etnicidade Amazônica”/Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

E-mail: rebeccaamor@gmail.com